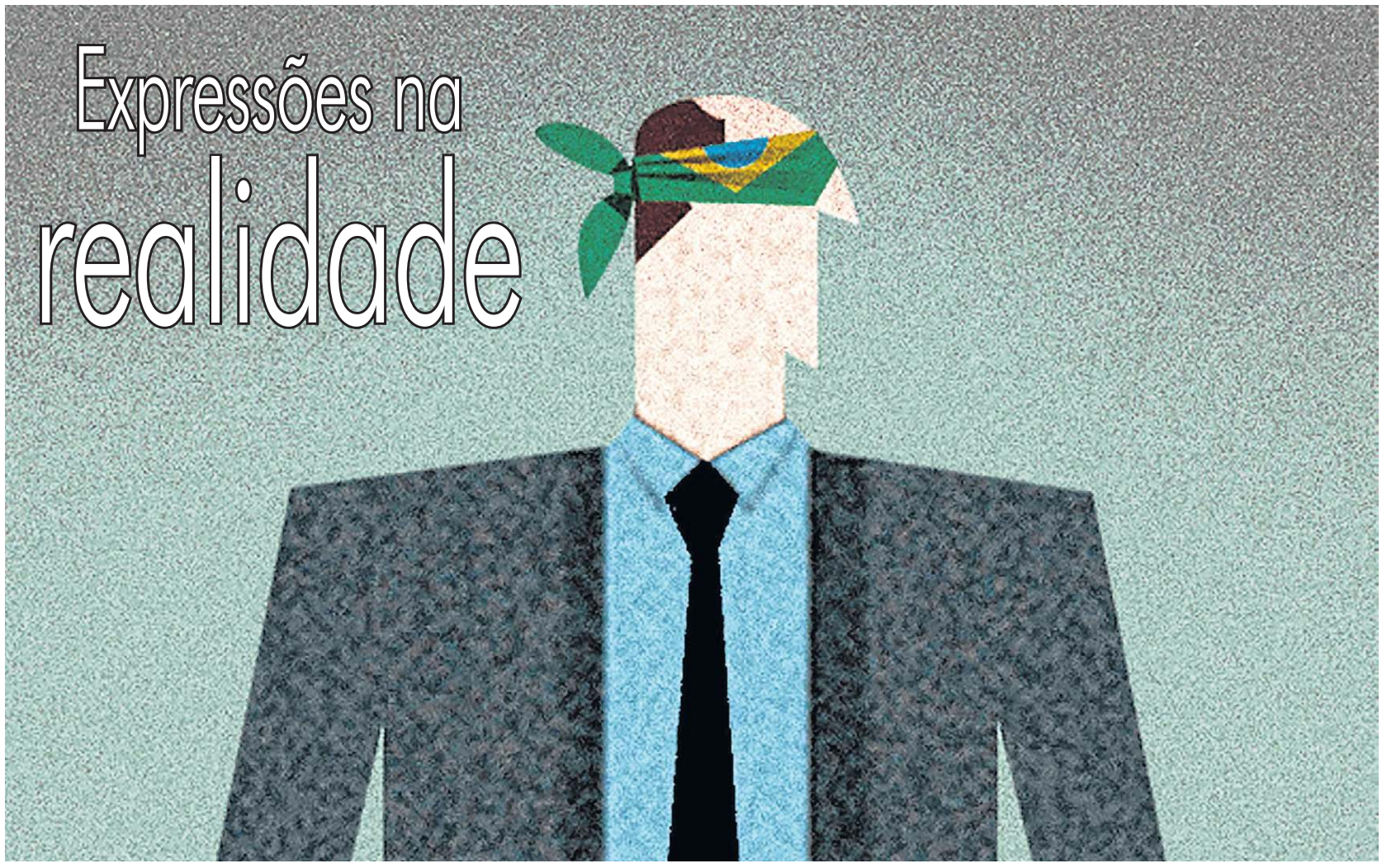
Por Paulo Pestana (Especial para o Correio)
papestana@uol.com.br



Expressões na realidade



Não tenho conversado com estranhos. Melhor dizendo, não tenho conversado muito, já que todo mundo anda estranho por causa dessa eleição maluca em que os principais candidatos têm muito mais semelhanças do que diferenças, embora queiram nos fazer acreditar do contrário. A cada acusação disparada, a certeza aumenta: os dois têm razão.

Faz lembrar aquela velha história do cego que não queria mais enxergar. Está registrado que em 1647, em Nimes, França, o médico Vicente de Paul D'Argent teria feito o primeiro transplante de córnea, em um aldeão. Foi bem-sucedido. Mas Angel, o paciente, não gostou nada do que começou a ver, reclamando que esperava um mundo melhor diante dos olhos e pediu que o cirurgião retirasse as novas córneas.

Virou caso de justiça em Paris e de religião no Vaticano, até que o aldeão ganhou a causa e voltou à cegueira, passando para a história como o cego que preferiu ficar sem enxergar e virando ditado popular: "o pior cego é aquele que não quer ver". Hoje, temos muito Angel por aí; gente que prefere fechar os olhos para a realidade ou que se conforma com as paisagens que lhes são oferecidas.

O que parece inevitável é que todos vamos dar com os burros n'água, outra expressão popular, esta surgida no Brasil colonial, quando a produção de café, cacau e ouro era feita por tropeiros, no lombo dos burros de carga. Por falta de estradas ou trilhas, muitos animais acabavam morrendo em rios ou regiões alagadiças, levando consigo parte da produção.

Hoje, dá com os burros n'água quem entra numa fria e sai com as mãos abanando, outro dito surgido no Brasil de antanho. Quando o país começou a receber imigrantes europeus, mas só eram empregados aqueles que traziam ferramentas. Quem vinha "com as mãos abanando" não levava nada. É o caso do bicão que vai a um churrasco e não leva carne ou cerveja.

Quem acha que essa discussão tem data para acabar, pode tirar o cavalo da chuva. A expressão remete ao século 19, quando o cavalo era o principal meio de transporte e o visitante deixava o animal na frente da casa, pressupondo que seria um encontro rápido. Se a conversa fosse esticada, o dono pedia a um empregado para tirar o cavalo da chuva e colocá-lo num estábulo ou coisa parecida. Parece ser o nosso caso, nessa casa de Mãe Joana.

Essa aí é uma expressão mais antiga, lembra a rainha de Nápoles e condessa da Provença, Joana, nos anos 1300 e que, aos 21 anos, regulamentou os bordeis de Avignon, cidade da França, onde estava refugiada. Quando adotada pelos portugueses, "paço da mãe joana" virou sinônimo de prostíbulo e, transferida para o Brasil, paço virou casa. Mas a zona é a mesma, por assim dizer.

Por mais expressões que a gente tenha na língua portuguesa, fica difícil definir o momento atual do brasileiro, que parece ter se esquecido da proverbial cordialidade e criado essa intransponível secessão ideológica em torno de nomes que não representam nem um lado nem outro. Nos resta chorar pitangas.